

*Professor Dr. ISAAC A. CAMARGO*

# ***A Saga de Ana: a Banana.***



***Expediente:***

**Revista: Reflexões sobre Arte Visual**

Publicação Atual e Anteriores:

<http://www.artevisualeinsino.com.br/index.php/revista-reflexoes-sobre-arte-visual>

Editor/Autor: Professor Doutor *Isaac A. Camargo*

Dados sobre o autor – Plataforma Lattes:

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4790878E4>

Projeto de Ensino: Resolução N.476 – CAS/FAALC/UFMS, 09/08/21

***Edição:***

Reflexões Vol.5, No12 , junho 2024 – A Saga de Ana: a Banana.

*Periodicidade: quinzenal*

*Campo Grande - MS*

*Capa: Imagem recortada e tratada digitalmente da obra “Banana no.83” de Antonio Henrique do Amaral..*

Os conteúdos aqui publicados tem a finalidade de difundir conhecimentos no campo da Arte Visual sob o ponto de vista do autor.

É permitida a reprodução total ou parcial dos trabalhos desde que citada a fonte.

O acesso é público e gratuito.

Esta publicação é informativa e não tem qualquer finalidade comercial.

*Qualquer pessoa ou instituição que se sentir prejudicada em relação aos conteúdos, informações e imagens aqui apresentadas, devem entrar em contato: isaac\_camargo@hotmail.com*

**APRESENTAÇÃO**

*A revista **Reflexões sobre Arte Visual** tem por finalidade discorrer à respeito de obras de Arte, períodos, artistas, situações e acontecimentos no intuito de difundir conteúdos neste campo do conhecimento a partir de meus projetos e proposições de ensino e produção artística.*

*Os temas escolhidos para os artigos dizem respeito a Arte Visual como um fenômeno cultural e suas relações com o contexto social.*

Difícilmente alguém, no mundo globalizado, não conheça a incrível Banana. É uma fruta de origem asiática e a mais consumida no mundo, por coincidência, pertence ao gênero botânico *Musa*, da família *Musaceae*, com várias espécies. Em relação às qualidades nutricionais é considerada rica em potássio, fibras e vitaminas e ao mesmo tempo, pasmem, pobre em calorias e gorduras, facilmente digeríveis, boas para o coração e a saúde em geral, ou seja, tem ótimas qualidades.

Contudo o que interessa aqui não são suas qualidades nutricionais, nem botânicas, mas sim como uma fruta tão comum passou a ser banalizada na Arte. É bom atentar para o fato de que banalizar, embora pareça, não é uma palavra derivada de banana, mas sim de banalidades, termo usado no período feudal para nomear as taxas, cobradas pelos senhores dos camponeses relativas ao uso de suas terras, portanto banalizar a banana é uma feliz coincidência literal.

Nomear a Banana de Ana é toma-la como Musa, uma brincadeira, mas indo adiante pode-se perguntar: Como a Banana se deslocou de sua origem natural para o contexto da Arte Visual? A primeira resposta a esta questão pode ser relacionada às naturezas mortas, tema comum à tradição pictórica ocidental. Em 1640 Albert Eckhout, pintor holandês que participou da comitiva de Maurício de Nassau aqui no país, faz uma natureza morta onde as bananas aparecem.



Esta obra de Eckhout parece ser uma das primeiras em que bananas aparecem como coadjuvantes e em duas espécies, a folha da bananeira atua como parte do fundo na cena.



O pintor mexicano Hermenegildo Bustos incorpora a banana em sua obra: "*Natureza morta com frutas*" em 1874.



Em 1887 é a vez de Pedro Alexandrino, pintor paulista, egresso da Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, incorporar um cacho de bananas ao lado de um jarro de metal em uma de suas obras.



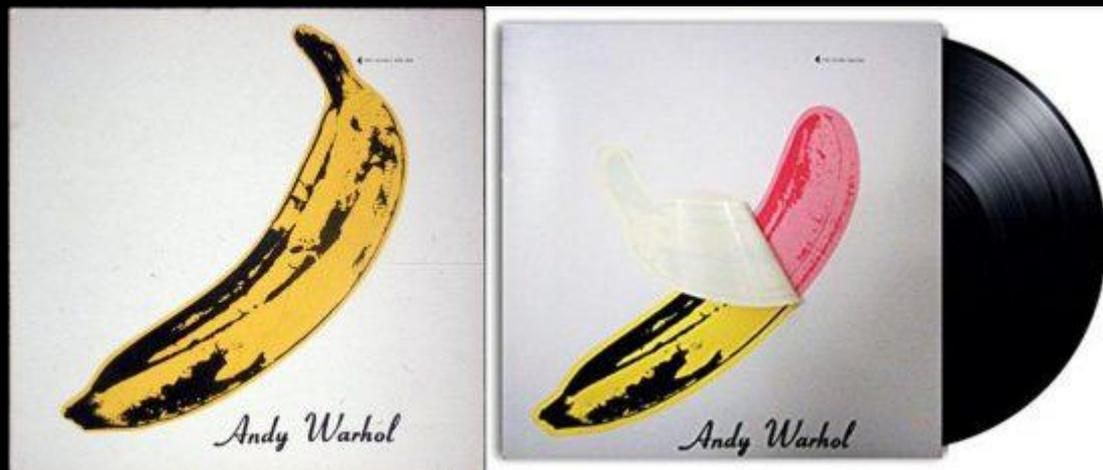
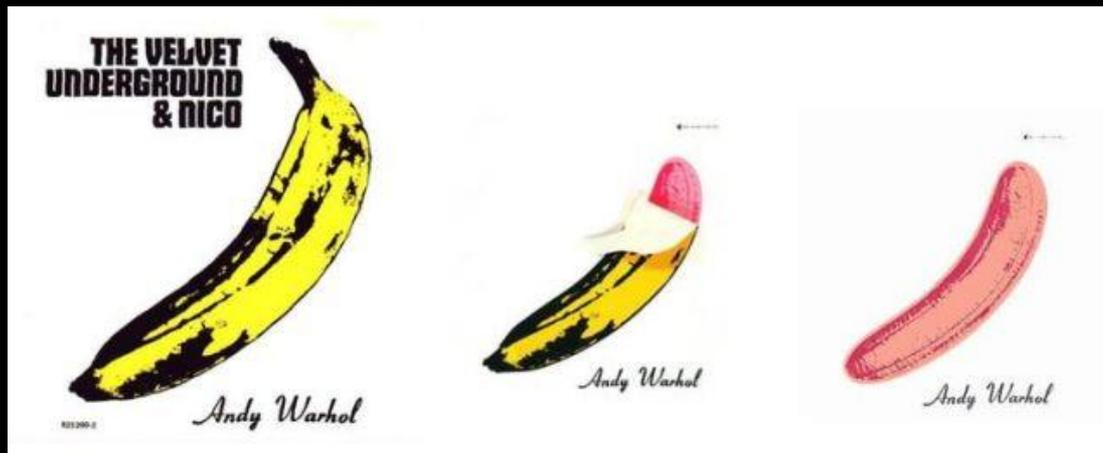
José Ferraz de Almeida Júnior, pintor paulista, foi professor de Pedro Alexandrino, também formado pela Academia Imperial de Belas Artes, nome original da Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, onde estuda e desenvolve suas habilidades artísticas. A banana aparece numa de suas obras: “*Menino com uma banana*”, de 1897.



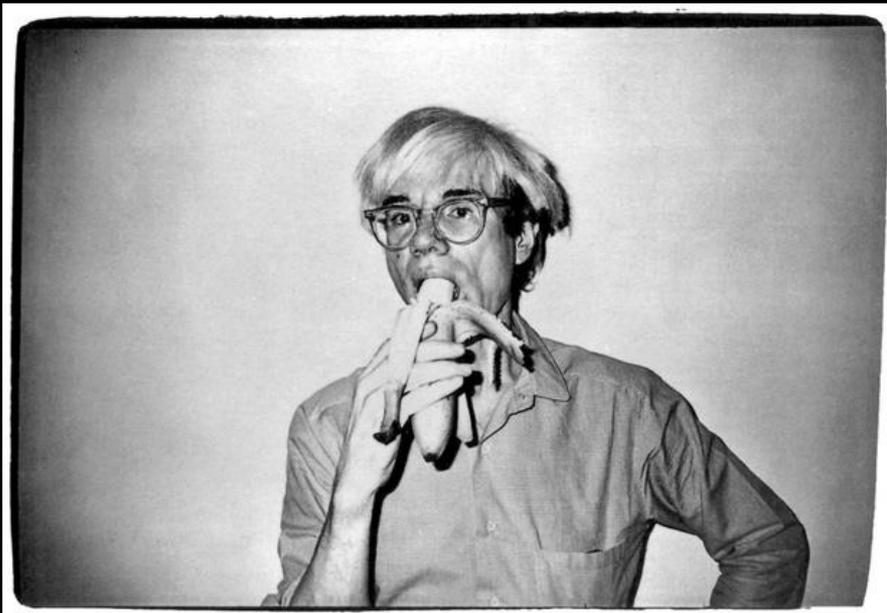
Em 1891, um cacho de bananas é representado na obra “A Refeição” de Paul Gauguin.



Em 1913, na obra “*A Incerteza do Poeta*” Giorgio de Chirico, representa um cacho de bananas numa de suas cenas fantásticas.



Em 1966, Andy Warhol cria a capa do álbum do grupo “The Velvet Undergroud and Nico”. A banana na capa era um autocolante que, ao ser retirado, “desnudava” a banana.



Acima uma foto-performance, de Andy Warhol, ao lado duas de suas versões em serigrafia de 1967.

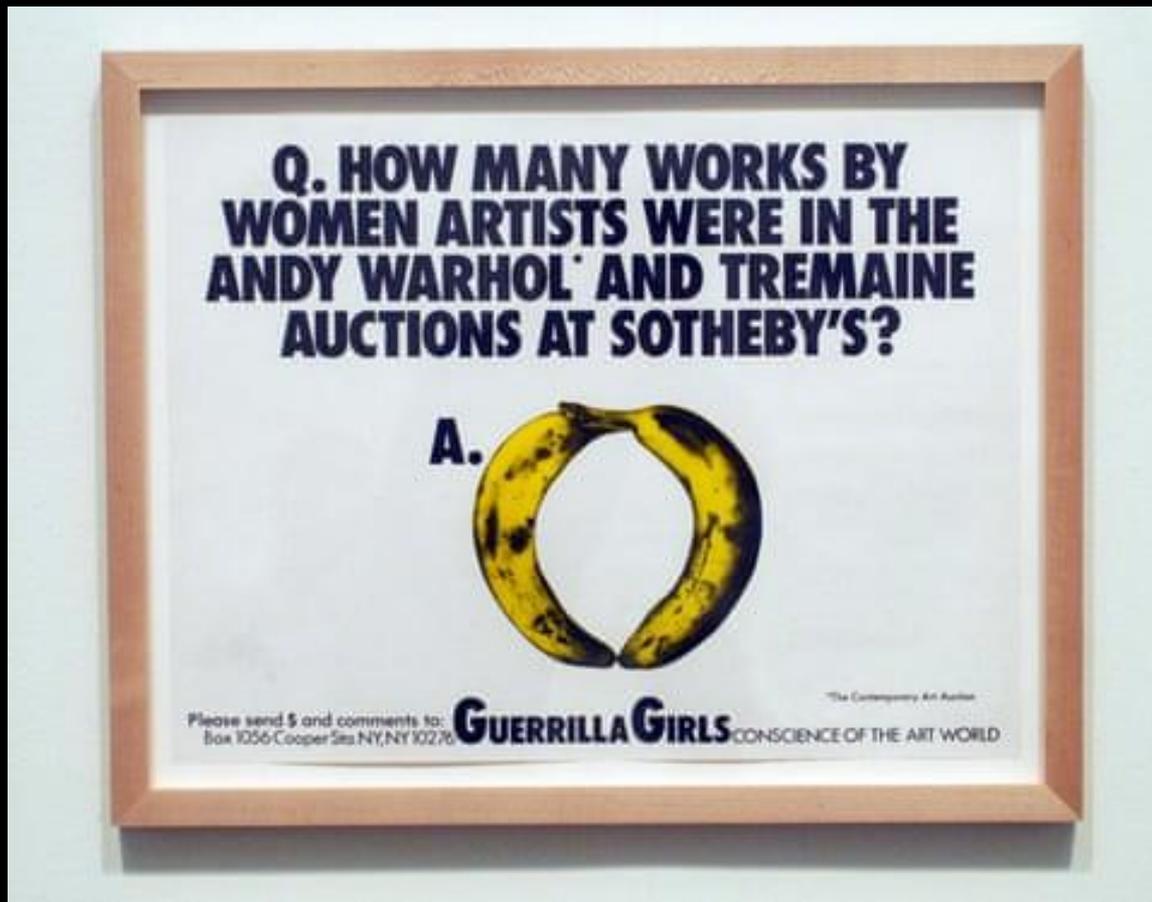




Em 1978, Andy Warhol retrata bananas numa fotografia em Polaroid.



Em 1990 a artista Sarah Lucas, na série “*Autorretratos 1990-1998*”, aparece comendo uma banana.



Uma pergunta: “*Quantas obras de mulheres artistas estiveram nos leilões de Andy Warhol e Tremaine na Sotheby’s?*” Esta é a pergunta feita pelo coletivo feminista Guerrilla Girls sobre a ausência de obras de mulheres artistas em leilões de Arte Visual.



Banksy, um dos grafiteiros mais famosos da atualidade recorre, em 2004, ao filme *Pulp Fiction* de Quentin Tarantino substituindo os revólveres, de uma cena do filme, por bananas.



Ainda, em 2004, Angus Fairhurst expõe uma escultura de uma enorme banana numa instalação na Tate Britânica e em outras instituições artísticas.



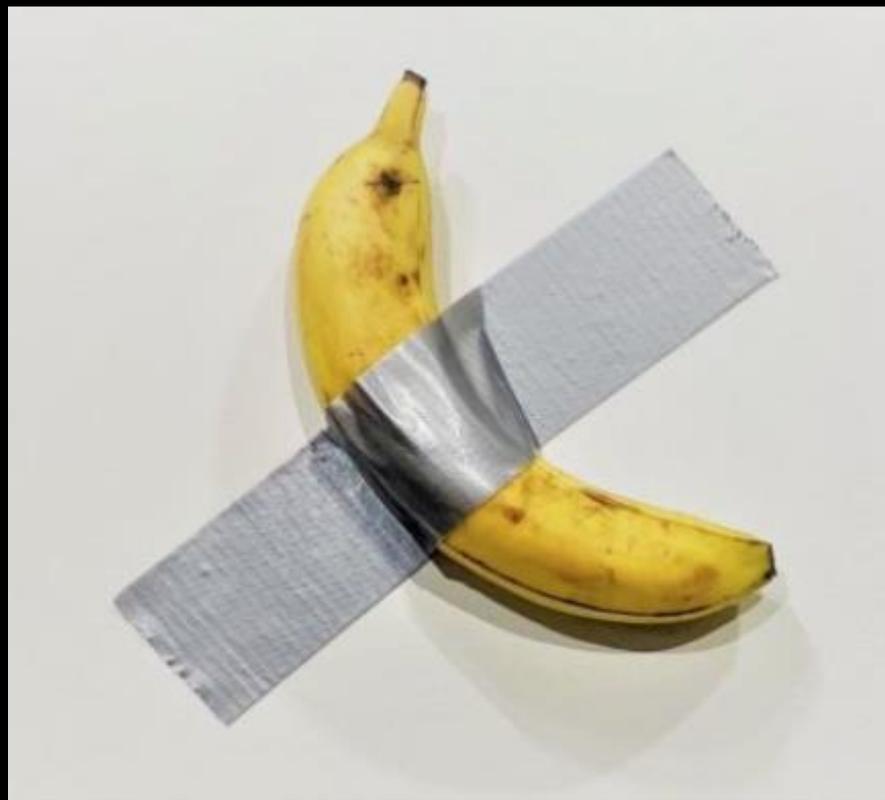
O Grafiteiro inglês Brainwash cria, em 2015, uma peça em Spray chamada de “*Banana Split (gray)*”.

A banana, como tema, também sofre repressão por provocar, supostamente, atitudes libidinosas. Em 2019, um vídeo e fotografias produzidas em 1973 por Natália LL, foram retirados de uma mostra no Museu Nacional de Varsóvia, na Polônia, por determinação do Ministério da Cultura. Este tipo de censura é comum quando posturas conservadoras, em geral, ligadas a movimentos políticos extremistas, assumem o poder. Não se deve esquecer que a interpretação cabe a quem aprecia...



Ainda, em 2019, na edição da Art Basel Miami, uma Instalação de Maurizio Cattelan, artista italiano contemporâneo representado pela galeria Perrotin, de Paris, expõe a obra, sugestivamente intitulada de *"Comediante"*. A instalação consistia de uma Banana afixada na parede com fita adesiva, cujo valor original era de US\$ 120.000,00. Convertendo em reais, equivale a mais ou menos R\$500.000,00. Segundo o proprietário da galeria, foram produzidas três peças na mesma edição, todas vendidas. A última, pela procura, acabou alcançando US\$150.000,00.

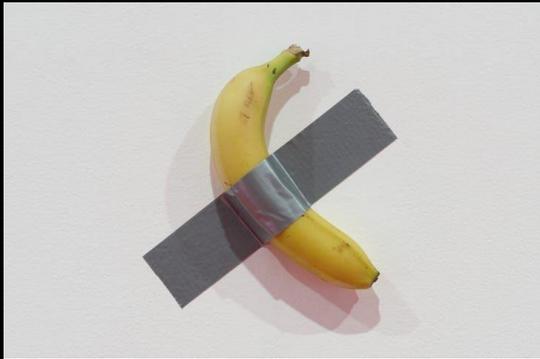
Entenda-se que este tipo de obra de instalação não se refere ao objeto apresentado, mas a um documento de domínio sobre a ideia e sua replicação.



*"Comedian"*, Maurizio Cattelan, 2019. Instalação.

Durante a 30ª. Miami Basel, a obra de Cattelan foi a mais visitada e viralizada, já que muitas pessoas se aproximavam dela simplesmente por diversão, apenas para fazer *selfies* diante dela, aqui algumas que circularam nas mídias sociais por ocasião do evento.





Durante a mostra, David Datuna, auto nomeado como artista performático, fez da obra de Cattelan um “lanche” comeu-a e disse ter feito isto por “estar com fome”, e não se mostrou arrependido por ter degustado uma banana de 150 mil dólares. Contudo, pode-se entender sua atitude como oportunista, já que o sensacionalismo que a Banana causou também acabou sendo aproveitado por ele.



O mesmo aconteceu no Museu de Arte Leeum em Seul, Coreia do Sul, em 2023, quando um estudante de estética retira a banana Cattelana da parede e a devora, alegando estar com fome. “Surfando na onda alheia” reproduz a mesma motivação usada por Datuna em Miami.



No Brasil, além das obras de Eckhout, Pedro Alexandrino e Almeida Júnior, citadas anteriormente, a partir do modernismo as bananas vão ressurgir como coadjuvantes ou tema central. Observe a aparição discreta das bananas no lado direito da obra “*A Feira I*” de 1924 de Tarsila do Amaral.



Outra versão da Feira de Tarsila, uma nova aparição discreta e mais estilizada das bananas, também no lado direito da obra “*A Feira II*”, de 1925.



Apenas como reforço “tropicalista”, é possível recorrer a presença da banana nas performances da artista luso-brasileira Carmen Miranda, em cenas do filme “*Entre a Loira e a Morena*”, de 1943. <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/banana-a-rainha-das-frutas.phtml>

Seguindo o percurso da banana no contexto da Arte nacional, não se pode deixar de lembrar de Antonio Henrique do Amaral, sobrinho neto de Tarsila do Amaral que, entre os anos de 1968 e 1975 do século passado desenvolveu várias obras cujos temas eram as bananas. Ao lado acima “*Banana no.83*”, 1971, abaixo “*Brasiliana no.9*”, ambas de Antonio Henrique do Amaral. O grande salto temático de seu trabalho ocorre com a série “*Battle Fields*”, na qual as bananas atuam como metáforas.

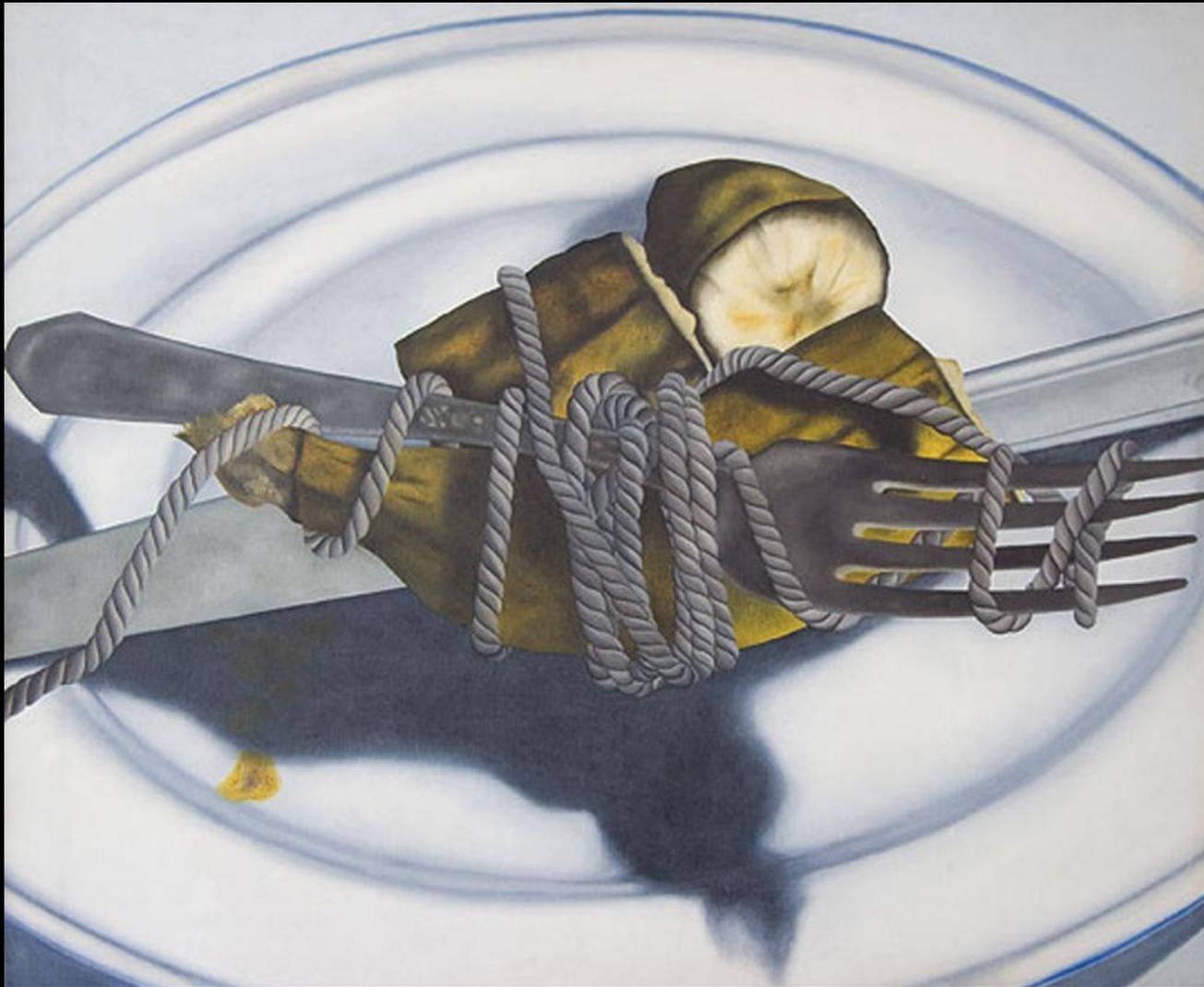




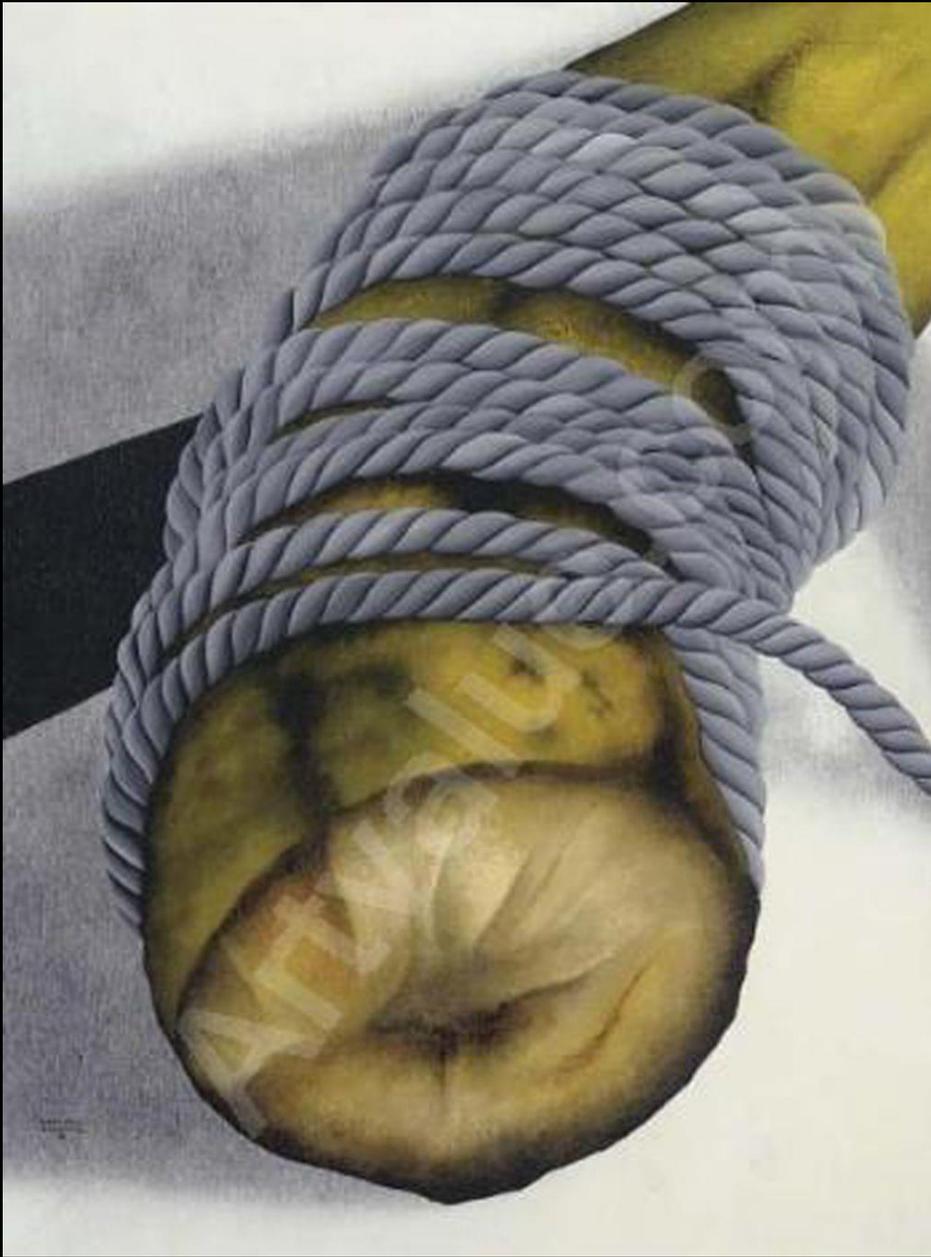
*Battle Field,*  
Antonio  
Henrique do  
Amaral.



*Battle Field,*  
Antonio  
Henrique do  
Amaral.



*Battle Field,*  
Antonio  
Henrique do  
Amaral.



*Battle Field,*  
Antonio  
Henrique do  
Amaral.



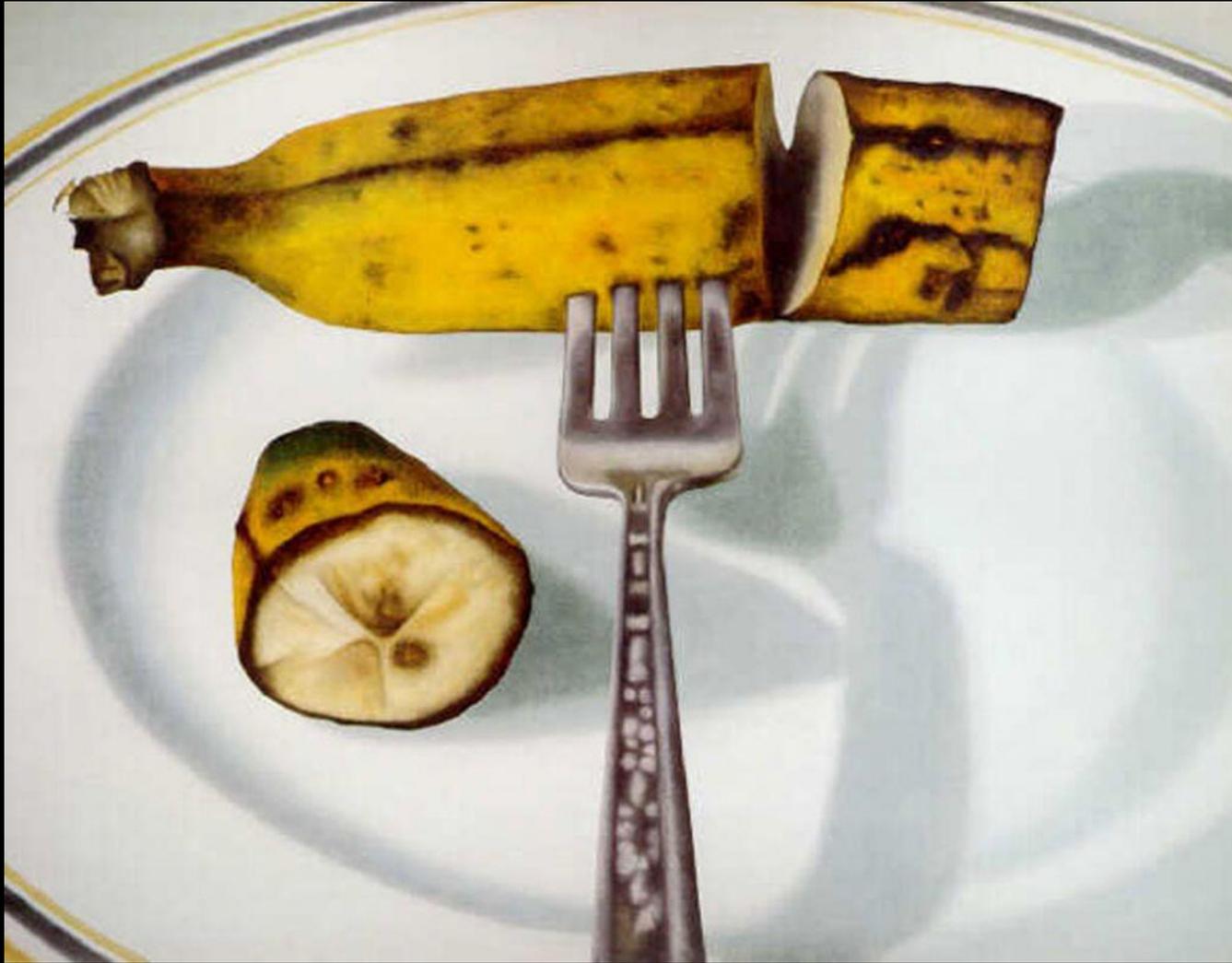
*Battle Field,*  
Antonio  
Henrique do  
Amaral.



*Battle Field,*  
Antonio  
Henrique do  
Amaral.



*Battle Field,*  
Antonio  
Henrique do  
Amaral.



*Battle Field,*  
Antonio  
Henrique do  
Amaral.



*Battle Field,*  
Antonio  
Henrique do  
Amaral.



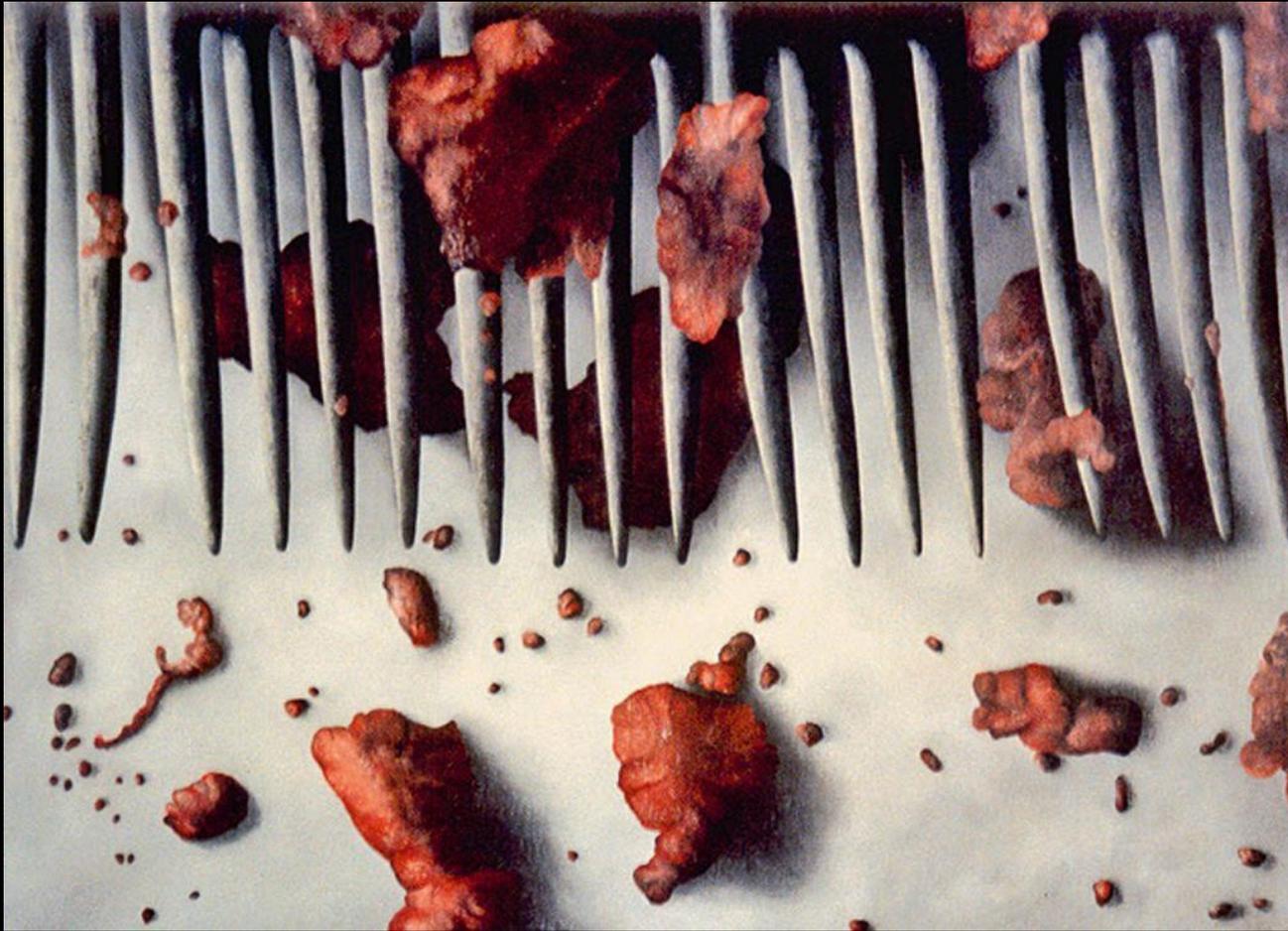
*Battle Field,  
Antonio  
Henrique do  
Amaral.*



*Battle Field,*  
Antonio  
Henrique do  
Amaral.



*Battle Field,*  
Antonio  
Henrique do  
Amaral.



*Battle Field,*  
Antonio  
Henrique do  
Amaral.



*Battle Field,*  
Antonio  
Henrique do  
Amaral.

Acredito que existam muitas outras “BanAnas” é um tema recorrente que pode atuar ou fazer parte de Naturezas Mortas que apenas ornamentem ambientes ou pode dar vazão a outras demandas sociais. A série de Antonio Henrique Amaral possibilita a substituição da banana por questões mais presentes no dia a dia como a repressão, agressão e violência contra as pessoas, ao meio ambiente, à humanidade e a tantas outras mazelas. Basta olhar criticamente as Obras de Arte para depreender tudo isto.

A apreciação não é um ato passivo e sim ativo e interativo, mas isto não diz respeito apenas ao que as obras propõem, lidam, engajam ou interajam explicitamente, é uma característica de todas. Elas trazem em si referências ao seu tempo, seu lugar, condicionantes individuais, socioculturais, econômicas e conceituais que lhes dão existência por meio dos diversos meios e configurações. Compreendê-las requer conhecimento e, desvendá-las, requer humanidade.